

# Um Paranaense na Conquista das Missões

(Especial para "TAPEJARA")

GABRIEL MENA BARRETO

## Do "Centro Cultural Euclides da Cunha"

Foi no ano de 1769 que nasceu Gabriel Ribeiro de Almeida em Santana do Iapó, o povoado que os carmelitas, descontentes na Capela de Santo Antônio do Capão Alto, depois Igreja Velha, viriam fundar em colaboração com a política de povoamento fortemente incentivada na metrópole pelo marquês de Pombal. Santana do Iapó se transformaria, vinte e um anos após, na Vila de Castro, solenemente instalada a 2 de Fevereiro de 1789.

Gabriel Ribeiro de Almeida era mameluco.

Seu pai, Manuel Ribeiro de Almeida, era um jovem tropeiro paulista natural de Juquerí, cujo progenitor, Inácio Taques de Almeida, natural de Sorocaba, descendia do fidalgo português Pedro Taques que, no último quartel do século XVI, viera como secretário de D. Francisco de Sousa, 7º Governador Geral do Brasil. A mãe de Gabriel Ribeiro era indígena, de uma das tribus dos Caingangs que dominaram, durante longo período, os territórios de Castro, Guarapuava e Palmas, estendendo, em seguida, sua influência até os sertões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Quando o ouvidor-geral de Paranaguá, Dr. Francisco Leandro de Toledo Rendon, recebeu a incumbência de erigir a nova vila com o nome de Castro, em honra a Martinho de Melo e Castro, Secretário dos Negócios Ultramarinos, lá se achavam estabelecidos, como primeiros moradores, o capitão Inácio Taques de Almeida, avô do referido Gabriel Ribeiro de Almeida; capitão Francisco Carneiro Lobo, um dos chefes expedicionários da primeira conquista de Guarapuava; Alferes Manoel da Fonseca Paes, Dr. Manoel de Melo Rego, Inácio de Sá Arruda, José Rodrigues Betim, Antonio Pereira dos Santos, Alferes João Batista de Oliveira e outros paulistas.

Em 1788 o tropeiro Manoel Ribeiro de Almeida, que constituía família em Sorocaba, casando com Ana Maria Bueno, bisneta de Anhanguera, transferiu residência para a nova capitania riograndense, trazendo em sua companhia dois filhos varões: um, com pouco menos de vinte anos de idade, Gabriel Ribeiro de Almeida, tropeiro como o pai, e o outro chamado Bento, com cinco anos apenas, havido do casal, e que nascera em Sorocaba em 1783. Foi mais tarde o marechal Bento Manoel Ribeiro que tanto se haveria de ilustrar nas campanhas da Banda Oriental e na guerra dos Farrapos. Passou a família a residir em Cachoeira onde novos filhos vieram a nascer e enriquecer o lar de Manoel Ribeiro.

Em Junho de 1801 chegavam à capitania de S. Pedro do Rio Grande, por um navio de Pernambuco, diversas pessoas que logo divulgaram a notícia de nova guerra entre Portugal e Espanha.

Governava a capitania o general Sebastião Xavier da Veiga Cabral e Camara e o comando de Rio Pardo era exercido pelo tenente-coronel Patrício José Correia da Camara, que, como major, salientara-se no sítio e tomada de Santa Tecla e, por esse motivo, fôra promovido àquele posto.

Naquele ano de 1801, Espanha e França haviam firmado uma convenção secreta para a conquista de Portugal, base naval da Inglaterra.

Napoleão I exigia do Príncipe Regente D. João o rompimento com os ingleses que, por seu turno, ameaçavam apossar-se do império colonial lusitano em vista da política neutral estabelecida em 1796 pela côrte portuguesa. Esta, recusando-se a cumprir as determinações de Napoleão, viu seu território invadido pelos exércitos da Espanha. Nessa guerra fulminante, Alentejo caiu em poder do invasor e D. João assinava, em 8 de Junho de 1801, a paz de Badajoz com a Espanha e, em 28

de Setembro do mesmo ano, com a França, representada por Luciano Bonaparte, irmão de Napoleão, Portugal perdia para sempre Olivença e pagava à França elevada indenização em pedrarias e ouro do Brasil.

Esses os acontecimentos que teriam necessariamente de refletir na região fronteira do Brasil Colonial com a América Espanhola.

Havia um quarto de século que o Brasil meridional sofria as desastrosas consequências do Tratado de Santo Ildefonso, firmado em 1º de Outubro de 1777 entre o rei de Espanha, representado pelo ministro Flórida Blanca, e a rainha de Portugal, D. Maria I, que sucedera no trôno a seu pai D. José I. Equivaliam as disposições desse tratado à sanção das conquistas de D. Pedro de Cevalos, pois, com exceção da ilha de Santa Catarina, que a 20 de Fevereiro daquele ano havia caído em poder do referido fidalgo para o domínio da Espanha.

Bastante haviam padecido os nossos indígenas desde que Pombal expulsara do reino e de suas colônias os missionários da Companhia de Jesús. Passaram eles a viver sob o mando discrecionário dos castelhanos da quem e dalém mar. Das antigas reduções, fundadas e orientadas pelos hábeis e competentes jesuítas, havia ainda os sete departamentos ou sete povos das Missões. Eram eles Candelária, séde do govêrno, São Miguel, Japejú, Apóstoles, Itapuá, Santa Rosa e São Estanislau. Cada departamento dispunha de um tenente-governador que era sempre um oficial de tropa de linha ou de milícia castelhana.

As missões riograndenses pertenciam ao departamento de São Miguel, com exceção da de São Borja que pertencia à de Japejú. Divergências de tôda natureza, inclusive conflitos de jurisdição, surgiam entre os administradores militares e os padres franciscanos e dominicanos enviados para as reduções em substituição aos jesuítas, enquanto os indígenas se iam mostrando cada vez mais descontentes com o novo regime e saudosos de seus antigos dirigentes.

Na época da expulsão dos jesuítas a população dessas reduções montava a 93.181 almas, sendo 20.306 no território de São Pedro do Rio Grande.

Disponham também de 769.353 cabeças de gado vacum, 221.537 de gado ovelhum e 94.983 cavalos e muars. Mas tudo isso diminuira sensivelmente, em vista de procurarem os indígenas voltar às tabas primitivas em fugas constantes para o mato.

Com a criação do vice-reinado do Prata, o govêrno das Missões ficou inteiramente subordinado ao de Buenos Aires, onde foi centralizada a cobrança dos grandes lucros obtidos nas reduções.

Este o cenário do Brasil missioneiro ao irromper, em meados do ano de 1801, a nova guerra luso-castelhana que viria dar ensejo à reconquista das Missões.

Surge então um forte grupo de homens decididos, entre os quais se destacam Gabriel Ribeiro de Almeida, o bravo mameluco castrense, José Borges do Canto, Manoel dos Santos Pedroso, João do Cabo Farias, José Gomes Centurião, José Joaquim Barbosa, Adriano Santiago, José da Silva Avila, Francisco Fernandes, Joaquim Ferreira Machado, Januário Barbosa, Manoel Gomes Leite de Siqueira e outros patriotas cujos nomes desapareceram sepultados na ingratidão da posteridade.

Manoel dos Santos Pedroso, à frente de quarenta milicianos a cavalo, ataca e põe em fuga a guarda castelhana de São Martinho, enquanto Gabriel Ribeiro de Almeida e José Borges do Canto tomam o posto de

R (Conclui na página 19)